



PERSÉPOLIS: A FORMAÇÃO DO LEITOR CRÍTICO PELO DIÁLOGO TRANSESTÉTICO EM HQ

Raphael S. G. Thomas^{1*} (IC), Prof. Dra. Débora Cristina Santos e Silva² (PQ). E-mail: raphathomas@hotmail.com

Universidade Estadual de Goiás – Campus Anápolis de CSEH (AV. Juscelino Kubitschek, 146 – Jundiá, Anápolis – GO, 75110-390)

Resumo: Há muitos anos as histórias em quadrinhos fazem parte da literatura multimodal, mais precisamente desde o final do século XIX. Considerando o uso dos quadrinhos como objeto didático-pedagógico, ganha destaque, neste artigo, a obra *Persépolis*, uma *Graphic Novel* autobiográfica, escrita pela romancista franco-iraniana Marjane Satrapi, que consegue expressar, em sua obra, por meio de sua própria voz e de uma visão pós-colonial, suas experiências de vida durante a revolução islâmica em seu país. Nesse contexto, ao tomarmos esta obra como material de apoio nas aulas de Literatura, percebemos que, historicamente, o Oriente na visão do Ocidente é tido ideologicamente como uma ameaça. Essa noção de ameaça se faz mais forte quando se fala a respeito do Irã, país no qual se passa a maior parte da trama da obra de Satrapi. Deste modo, este trabalho visa discutir metodologias para o ensino de literatura no ensino médio. Para isso, apresenta-se relatos de oficinas que foram aplicadas na rede pública de ensino abordando a obra *Persépolis* a partir da discussão sobre os diferentes gêneros quadrinísticos, bem como propor uma problematização dos assuntos abordados no livro por meio da teoria pós-colonial.

Palavras-chave: Persépolis. Quadrinhos. Pós-colonialismo. Hipergêneros.

Introdução

“Que atire a primeira pedra aquele que nunca leu uma história em quadrinhos!” Como sabemos, há muitos anos estas histórias fazem parte da literatura multimodal, mais precisamente desde o final do século XIX, quando surgiram para encantar e colecionar fãs por todo o mundo. Desde então, as histórias contadas sob a forma de textos semiológicos ganharam fama e admiração, atingindo assim grandes cifras e tiragens astronômicas.

Além de possuírem uma grande veiculação, os quadrinhos passaram a agregar também outros gêneros autônomos. Assim compreendemos os quadrinhos sob o conceito

de Paulo Ramos:

Os quadrinhos compõem um campo maior, denominado hipergênero, que agrega elementos comuns aos diferentes gêneros quadrinísticos, como o uso



de uma linguagem própria, com elementos visuais e verbais escritos, e a tendência à presença de sequências textuais narrativas. (RAMOS, 2004, p.11)

Compreendemos também os quadrinhos com a ajuda da conceptualização proposta por Sérgio Roberto Costa (2012). Para ele, os quadrinhos possuem três características essenciais: 1) integração entre palavras e imagens; 2) presença do tipo narrativo na maioria dos textos; 3) papel como suporte mais recorrente.

No entanto, um duro golpe foi registrado na história das Histórias em Quadrinhos. Como nos mostra Paulo Ramos (2004), um estudo equivocado, apoiado pela desconfiança gerada no período do pós-guerra, e publicado por Fredric Wertham, em seu livro *Seduction of the innocent*, afirmava que as histórias em quadrinhos eram nocivas à aprendizagem de crianças e jovens. O estudo de Wertham teve grande repercussão na época, no entanto, o passar dos anos nos mostra que o que tem acontecido é exatamente o contrário: atualmente, os jovens aos quais Wertham se referia podem utilizar os quadrinhos não apenas para leitura estética, mas também para a leitura crítica. E é nesse sentido que se contempla aqui a relevância do desenvolvimento deste trabalho, uma vez que percebemos a necessidade de se propor práticas de ensino que visem à leitura crítica e estética no âmbito escolar. Percebemos, também, a necessidade de que isto aconteça de maneira coerente e atual, para que o uso dos quadrinhos em sala de aula, por meio da transposição didática, possa chegar mais próximo dos educandos e contribuir para a sua formação crítica como leitor.

Isto posto, sabemos que em tempos modernos líquidos (BAUMAN, 2001) o uso da imagem junto ao texto se faz presente quase que unanimemente em nossas atividades cotidianas. Basta que olhemos em nosso meio para rapidamente constataremos isso. No supermercado: as multicoloridas embalagens, as placas indicando as seções, o próprio dinheiro; nas ruas: as grandes fachadas, os grafites, os anúncios publicitários; nas redes sociais: as fotos, os vídeos, os memes. Com isto, constatamos que a imagem agregada ao texto, permeia quase que de forma líquida o mundo físico (BAUMAN, 2001), bem como as nossas práticas sociais, aliás, como se daria está última sem o uso da imagem em um mundo cada vez mais digital? Perguntas do tipo também surgem ao falarmos de prática didática. Por



exemplo: “se na grande maioria das práticas sociais o sujeito está exposto aos inúmeros modos de produção de linguagem, por que a prática educativa não aderir também à modos diferentes de ilustrar idéias?”. Assim, respondendo a nossa indagação, Neves (2012) afirma:

Os quadrinhos podem ser utilizados na educação como uma ferramenta para a prática educativa. A HQ tem sua própria sedução por apresentar uma sequência lógica de imagens. O sucesso dos quadrinhos está no uso de imagens em situações contextuais que facilitam o entendimento da leitura. A história em quadrinhos explora a linguagem não verbal, complementada pelo uso da linguagem verbal de forma clara e objetiva. (NEVES, 2012, p. 8).

Diante desse contexto é que se evidenciou a obra *Persépolis*, uma *Graphic Novel* autobiográfica, escrita pela romancista franco-iraniana Marjane Satrapi, que consegue expressar, em quadrinhos, por meio de sua própria voz e de uma visão pós-colonial, suas experiências de vida durante a revolução islâmica em seu país. Marjane era uma menina oriunda de uma família de classe média de Teerã, criada em um lar que diariamente eram colocadas em pauta ideologias socialistas, morava em um país pseudodemocrático e vivia uma vida absolutamente comum para qualquer garota de sua idade, até que, aos dez anos, após a Revolução Iraniana de 1979, Marjane se vê obrigada a usar o véu islâmico e a frequentar uma escola só para meninas.

Material e Métodos

Este trabalho é resultado de um projeto de pesquisa, portanto o projeto global foi executado em duas grandes etapas. No primeiro semestre (2017/2), foi realizada uma pesquisa preliminar para levantamento bibliográfico, em bancos de dados, anais de eventos, revistas da área, entre outras fontes e suportes que contemplam o objeto de estudo, no intuito de verificar o estado de arte da temática. Nessa etapa, foram realizados encontros mensais de discussão teórica conjuntamente com a coordenadora do projeto, fichando-se os resultados das discussões e das leituras. Tais fichamentos têm sido utilizados para a produção de artigos teóricos (alguns já publicados em eventos), além de ampliar a compreensão dos textos e a divulgação do projeto, fortalecendo o debate e

REALIZAÇÃO



consolidando o conhecimento adquirido a respeito das teorias pós-coloniais e da conceptualização do hipergênero quadrinhos.

Neste último semestre (2018/1), já na segunda etapa da pesquisa, foram realizadas oficinas de capacitação de leitura e de escrita criativa, que promovessem o letramento literário e a promoção de discussões crítico-sociais e literárias, tendo como público alvo estudantes da rede pública estadual, no Município de Anápolis-GO. A investigação foi desenvolvida por meio da pesquisa qualitativa, de caráter interpretativista. Portanto, a coleta de dados aconteceu em três etapas, sendo que, na fase inicial, a investigação teve o caráter predominantemente documental e argumentativo, uma vez que os momentos culminantes foram às análises das metodologias para o ensino da leitura e escrita, bem como os desafios para o alcance do multiletramento dos alunos. Em seguida, foram realizados os procedimentos nas escolas-campo por meio das oficinas, planejadas e executadas pelos pesquisadores do GP ARGUS.

Resultados e Discussão

As oficinas que ilustram a parte prática desse projeto de pesquisa foram realizadas no mês de maio no Centro de Ensino em Período Integral (CEPI) Gomes de Souza Ramos, localizado na Avenida Planalto, na Vila Jaiara, um importante bairro da zona norte da cidade de Anápolis-GO. Passaremos abaixo o relato destas oficinas. Na primeira, os alunos foram recebidos por nós em uma sala anteriormente preparada, ao som da música *linhas tortas* do compositor e cantor Gabriel Pensador. Após os educandos se acomodarem nas carteiras dispostas sob a forma de um semicírculo, nos apresentamos aos alunos, ouvimos suas apresentações, apresentamos brevemente a *Graphic Novel Persépolis* e demos início a atividade desta primeira oficina. A atividade proposta foi a tão celebrizada brincadeira “batata quente”, pois veja, que se trata de um meio simples, de fácil realização em salas de aula e que consegue prender a atenção dos alunos. Deste modo recolocamos a música em reprodução e um objeto foi entregue aos alunos para que eles o passassem de mão em mão. Quando o pesquisador parava a reprodução da música, o aluno que estava com o objeto tinha que responder com a ajuda dos colegas uma

REALIZAÇÃO

das perguntas elaboradas pelo pesquisador. Note que, as perguntas previamente elaboradas, não tinham o objetivo de avaliação, mas sim de proporcionar meios que favorecessem a discussão de temas como: o conceito de autobiografia, o colonialismo sofrido pelos povos subalternizados até os dias atuais, o empoderamento feminino, dentre outros que pudessem favorecer a leitura crítica por meio das discussões presentes na *Graphic Novel Persépolis*.

Figura 1 – Educandos participando de dinâmica proposta pelo pesquisador



Fonte: Arquivos do pesquisador

Na segunda oficina, o pesquisador deu início apresentando um vídeo da poetisa Jade Fanny, encontrado na Rede Social You Tube, no qual ela declama uma poesia acústica de resistência, problematizando e ironizando alguns preconceitos sofridos em sua vida devido à sua condição feminina. Após esse vídeo ser reproduzido duas vezes, ainda no You Tube outro vídeo foi reproduzido para os alunos, desta vez, com a música que deu abertura a oficina passada: *linhas tortas* de autoria do cantor Gabriel Pensador. É importante que se ressalte o uso proposital de redes sociais nas oficinas ministradas pelo GP Argus, pois, nós, integrantes desse grupo, temos a convicção de que a escola deve se atualizar frente às novas práticas e demandas sociais que surgiram junto ao advento da cibercultura. Depois de reproduzidos os vídeos, foi realizada uma breve discussão a respeito de como podemos encontrar diferentes formas de autobiografia, deixando claro que a poesia e a música anteriormente apresentadas são algumas delas.

Figura 2 – Educandos participando da segunda oficina proposta pelo pesquisador



Fonte: Arquivos do pesquisador

Na terceira oficina, como não nos foi disponibilizado tempo hábil para que cobrássemos a leitura, os pesquisadores deram início às atividades passando a obra *Persépolis* de mão em mão, para que os alunos pudessem conhecer a obra física e tivessem noção do formato desta obra. Ainda devido a não podermos cobrar a leitura, resolvemos, em concordância com o GP Argus, assistir junto aos alunos a animação *Persépolis*, uma adaptação da *Graphic Novel* para o cinema escrita e dirigida pela própria autora e por Vincent Paronnaud. Após o filme, mantivemos com os educandos uma conversa bastante descontraída sobre o que acharam do filme, dos temas abordados e da forma como foram abordados. Ressalte-se que graças ao financiamento deste projeto (BIC-UEG) pudemos promover durante a exibição da animação um lanche para os alunos com pipoca e refrigerante. Assim, nomeamos esta oficina de “Cine Literário”.

Figura 3 – Educandos assistindo à animação *Persépolis*



Fonte: Arquivos do pesquisador

Passemos então para a parte de produção: na quarta oficina, após os alunos sentarem-se em semicírculo para facilitar a comunicação com osicineiros, eles foram orientados a escreverem, como fez Satrapi, uma autobiografia. No entanto, primeiramente, os pesquisadores orientaram a escreverem a autobiografia em prosa. Deste modo, a cada aluno foi entregue uma folha A4, na qual, sob a supervisão dos pesquisadores, os educandos escreveram suas autobiografias. É importante agradecer, neste momento, a participação do professor regente Pedro Burjaque que, também acompanhou de perto a produção da autobiografia. Assim conforme surgiam dúvidas, tanto os pesquisadores quanto o professor regente se prontificavam a ajudar os alunos.

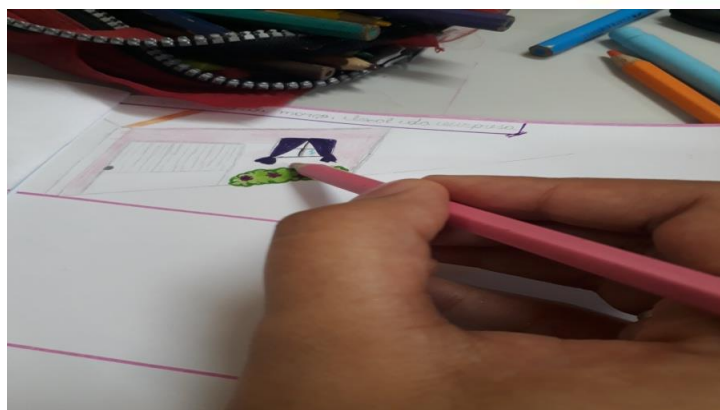
Figura 4 – Educandos escrevendo suas autobiografias em prosa



Fonte: Arquivos do pesquisador

Na última oficina, já em clima de despedida e conclusão do nosso trabalho, o pesquisador e autor deste projeto deu início as atividades recordando, explicando e sanando as dúvidas sobre os elementos básicos do hipergênero quadrinhos. Após a explanação de todas as dúvidas surgidas, os pesquisadores entregaram aos alunos mini cadernos feitos de folha A4 (mais um material adquirido graças ao financiamento do projeto). Depois de todos os educandos terem em mãos os mini cadernos, eles foram orientados pelos pesquisadores a fazerem a transposição de sua autobiografia em prosa para uma autobiografia em quadrinhos

Figura 5 – Educandos escrevendo e ilustrando suas autobiografias quadrinizadas



Fonte: Arquivos do pesquisador

Considerações Finais

De tudo o que foi apresentado neste trabalho, se destaca e é bastante perceptível a grande mudança que as metodologias de ensino tem sofrido ao longo dos anos e, apesar de geralmente as metodologias que visam a atualização do fazer escolar serem vistas com certa desconfiança por muitos dos educadores, este quadro está gradativamente mudando.

Diante disso, trabalhos como este, apresentando resultados positivos quanto ao uso de novas metodologias no auxílio do ensino de literatura quadrinizada por meio da visão crítica pós-colonial, têm surgido nas universidades e sido levados para o conhecimento de educadores e gestores da educação, fazendo com que a escola perceba que o discurso decorrente do colonialismo pode agir de forma tóxica para a manutenção da vida escolar e, portanto, é nesse sentido que a decolonização ao ser associada ao trabalho pedagógico se faz necessária, uma vez que tendo consciência das inúmeras formas de colonização, o empoderamento e o olhar crítico do educando serão consequentemente aguçados.

Agradecimentos

Agradecemos à todos os membros do GP Argus pela essencial contribuição no projeto. À fundadora e coordenadora do GP Argus, professora Dra. Débora Silva. À Pró-Reitoria de Pesquisa da UEG pelo

REALIZAÇÃO

PRG
Pró-Reitoria de
Graduação

PRP
Pró-Reitoria de
Pesquisa e
Pós-Graduação

PRE
Pró-Reitoria de
Extensão, Cultura e
Assuntos Estudantis



Universidade
Estadual de Goiás



patrocínio da bolsa BIC-UEG e ao CEPI Gomes de Souza Ramos pelo espaço cedido para a realização das oficinas propostas pelo grupo.

Referências

ALVES, Tamires Maria. Uma leitura Pós-colonial sobre o Irã: como foi construída a idéia de que o Irã é uma “ameaça?”. In: 4º ENCONTRO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE RELAÇÕES INTERNACIONAIS- ABRI. N.4º. 2013, Belo Horizonte. 01-20.

BAUMAN, Zygmunt. Modernidade Líquida. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

BONNICI, Thomas. *Introdução ao estudo das literaturas pós-coloniais*. Mimesis, Bauru, v. 19, n.1, p. 07-23, 1998.

GOMES, Heloísa Toller de. Crítica Pós-colonial em questão. Revista Z cultura. Rio de Janeiro, n? p. 1-9, jan./jun. 2017

LUCAS, R. J. D; CELESTINO, J. B. Quadrinhos autobiográficos: diferenças de gêneros e as apresentações de si. *Revista de comunicação e epistemologia*. Universidade Católica de Brasília. Brasília, p. 311-332, ago./dez. 2014.

NEVES, Silvia da Conceição. A História em Quadrinhos Como Recurso Didático em Sala de Aula. Palmas. 2012. Trabalho de Conclusão de Curso (Habilitação em Licenciatura) - Departamento de artes visuais, Universidade de Brasília, 2012.

RAMOS, Paulo. *Como usar as histórias em quadrinhos na sala de aulas*. São Paulo: Editora Contexto, 2004

SATRAPI, M. *Persépolis*. Trad: Werneck, P. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

SILVA, A. R. D. *As autobiografias de Marjane Strapi: memória e representatividade em quadrinhos e animação*. 2015. 50f. TCC (Pós-graduação em animação) – Centro Universitário Senac, 2015.

TOLENTINO, Célia; HORDONES Chaves, Luana. A profetisa que amava Bruce Lee: Oriente e Ocidente na perspectiva de Persépolis. *Revista Lua Nova*. São Paulo, n. 89, p. 249-274, jan./jun. 2013.